

RECONFIGURAÇÕES EDITORIAIS NO TELEJORNAL MEIO DIA/PR DA RPC PONTA GROSSA VALORIZAÇÃO DAS PAUTAS POPULARES, VT DESCONSTRUÍDO E PRECARIZAÇÃO DA ATIVIDADE JORNALÍSTICA¹

EDITORIAL RECONFIGURATIONS IN THE MEIO DIA/PR NEWS PROGRAM OF RPC PONTA GROSSA: VALUATION OF POPULAR ISSUES, DECONSTRUCTED VT AND PRECARIOUSNESS OF JOURNALISTIC ACTIVITY

Cintia Xavier ²
Manoel Moabis Pereira dos Anjos ³

Resumo

O texto sistematiza alterações editoriais que o telejornal Meio Dia/PR da RPC-TV Ponta Grossa realizou nos últimos cinco anos. A pesquisa foi desenvolvida com base em entrevistas com jornalistas que trabalham ou trabalharam no processo produtivo do informativo, além do acompanhamento sistematizado das edições que foram ao ar. A condução teórica envolve um debate sobre linha e/ou política editorial e telejornalismo regional. Entre os achados da pesquisa, identificamos que o horário de exibição foi ampliado e o telejornal passou a apresentar maior número de pautas locais. Também foi possível perceber diminuição no uso do formato reportagem tradicional, que deixou de ter off, passagem e sonora dando lugar ao uso do que produtores entrevistados chamam de "VT desconstruído". Outras alterações também são destacadas como a retirada da bancada do apresentador, ampliação da presença "ao vivo" dos repórteres nos fatos noticiados.

Palavras-chave

rotina produtiva; notícias; telejornal; reportagem.

Abstract

The text systematizes editorial changes that the Meio Dia/PR news program of RPC-TV Ponta Grossa has made in the last five years. The research was developed based on interviews with journalists who work or have worked in the production process of the news program, in addition to the systematic monitoring of the editions that were broadcast. The theoretical approach involves a debate on editorial line and/or policy and regional news reporting. Among the findings of the research, we identified that the broadcast time was extended and the news program began to present more local topics. It was also possible to notice a decrease in the use of the traditional reporting format, which no longer has off-screen, transitions and sound, giving way to the use of what the producers interviewed call "deconstructed TV". Other changes are also highlighted, such as the removal of the presenter's desk and the increase in the "live" presence of reporters in the news events.

Keywords

productive routine; news; newscast; report.

1 Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação em 2020.

2 Doutora, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), cintia_xavierpg@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-8355-1718>, <http://lattes.cnpq.br/083787310772226>.

3 Doutor, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), manoelmoabis@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3939-7442>, <http://lattes.cnpq.br/3598431145805860>.

Introdução

O texto que segue busca demonstrar práticas de telejornalismo regional que indicam uma reconfiguração no modo de produzir e apresentar os telejornais do interior do Paraná. Três eixos serão utilizados para indicar quais são as alterações que estruturam o modo de fazer telejornalismo fora dos grandes centros: apelo às pautas populares com destaque para as ocorrências policiais, apresentação da narrativa denominada VT de forma desconstruída (assunto é abordado ao longo da apresentação do telejornal) além do crescimento dos constrangimentos organizacionais (especialmente pelo aumento no tempo total do telejornal sem investimento, ou até mesmo redução, na equipe de produção do telejornal).

A proposta é oferecer elementos que ajudem a mapear as políticas editoriais do telejornalismo regional, orientada pela Rede Globo de Televisão, a partir de uma emissora afiliada no interior do Paraná. Em específico, a observação empírica considera o telejornal da hora do almoço do grupo RPC-TV na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. As mudanças aqui apresentadas consideram as alterações que aconteceram nos últimos cinco anos na emissora. Há o dado concreto que aponta para uma alteração de linha ou política editorial, resultado de facilidades tecnológicas, como o uso de *mochi-links*⁴, que mudam o trabalho dos repórteres em campo e a forma como as pautas são produzidas.

Uma revisão conceitual sobre produção noticiosa na televisão regional e características dos telejornais se apresenta a partir de Coutinho (2008), Pereira Jr. (2005) e Pereira (2013). No que se refere ao debate sobre os valores-notícia, que ajuda a explicar as alterações de ênfase nas pautas com apelo *policialesco*, estão presentes Silva (2014), Guerra (2014) e Silva (2014). Sobre jornalismo regional, temos a contribuição de Aguiar (2017) e Fernandes (2014). Breed (2016) orienta o movimento conceitual para entender o que determina a política editorial, seus papéis constituidores, associado a uma tentativa de diferenciar política editorial e linha editorial (Paixão, 2018).

O trabalho aqui apresentado se assume como um desdobramento das observações realizadas por Xavier (2019) que pesquisou o momento em que o telejornal Meio Dia/PR teve alteração. No trabalho, a autora investiga a relação da troca de nome do telejornal com as modificações no modo de fazer telejornalismo no mesmo objeto empírico considerado neste estudo. Derrubada a hipótese inicial de que a troca de nome dos telejornais é que determinava a mudança editorial, observou-se que, na realidade, o nome muda depois que o telejornal já tinha alterado sua proposta editorial, tanto na perspectiva das pautas (critérios de noticiabilidade), quanto nos formatos de apresentação da notícia, com aumento no número de entradas ao vivo, alterações no estúdio, além da presença do apresentador, que se torna um “comentador” das notícias. Para seguir investigando as modificações do telejornal, o presente texto descreve os redesenhos no formato, na apresentação e nos conteúdos apresentados pelo programa jornalístico.

⁴ Equipamento para a transmissão ao vivo via internet.

Aproximações metodológicas

Dentre os movimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa estão o acompanhamento das edições do telejornal selecionado em períodos aleatórios, realizados nos meses de junho e julho de 2019, 2020 e 2022, além de entrevistas semiestruturadas com jornalistas que ocupam ou ocuparam funções jornalísticas na RPC-TV de Ponta Grossa.

O acompanhamento das edições observou a duração do telejornal, a estrutura do estúdio, o formato das produções (se eram gravadas ou ao vivo), as temáticas das produções e, por fim, se a pauta era local ou estadual. O movimento de coleta dos dados se baseia em aspectos da análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), na qual as autoras defendem “a hipótese de que, em se tratando de textos jornalísticos, o processo nem sempre desaparece no produto” (Silva; Maia, 2011, p. 23).

Outro movimento metodológico utilizado foi a realização de entrevistas com jornalistas da RPC. As entrevistas foram realizadas durante o segundo período de acompanhamento (2019) das edições do telejornal. Elas foram feitas de forma presencial, não foram gravadas, para garantir o anonimato dos entrevistados. Ao todo, seis jornalistas que trabalham ou já trabalharam no telejornal ofereceram informações sobre o processo produtivo. Complementarmente, foi realizado o acompanhamento presencial da exibição do telejornal de dentro da sala de controle da emissora (switcher).

É possível adiantar que na compreensão dos jornalistas a alteração do nome tem, sim, um aspecto de mudança editorial. Parte das alterações estão submetidas (discionárias, entendidas) aos aspectos tecnológicos, outra parte está na preocupação com a concorrência com outros programas da hora do almoço. Há também mudanças de formato, reconfigurando o tradicional VT (reportagem gravada e editada, com off, passagem e sonora) ajustado com as entradas ao vivo. Os jornalistas, em geral, estão chamando o novo formato de VT desconstruído, que será descrito no momento do diálogo com as entrevistas.

As marcas que cercam a noção política ou linha editorial

De partida, é preciso reconhecer que há uma “confusão” conceitual no tratamento dos termos linha e/ou política editorial. A falta de cuidado conceitual na utilização das expressões não invalida a importância da discussão sobre aquilo que se relaciona a uma orientação ideológica (Paixão, 2018) e com os princípios que ditam o modo como as notícias são escolhidas e produzidas (Paixão, 2018).

A confusão conceitual é recorrente, conforme aponta Paixão (2018), e é possível identificar que o termo política editorial está relacionado a uma referência macro sobre as decisões que envolvem as organizações jornalísticas. Já a linha editorial tem uma utilização mais operacional, que envolve o modo como as decisões de caráter mais micro agem sobre o fazer jornalístico (Paixão, 2018). A definição de linha editorial, portanto, estaria relacionada a “um posicionamento político, que parte da direção do

veículo jornalístico, e que interfere na escolha do tipo de informação a ser publicada e no tratamento que a empresa jornalística dará a essa informação” (Paixão, 2018, p.6 e7).

Além da confusão no uso dos termos, Ban (2018) indica que também não há um consenso sobre a demarcação desse conceito. Para o autor, a definição conceitual da política editorial passa pelo modo como uma organização jornalística “percebe o mundo, indicando valores, paradigmas e influenciando decisões dentro da organização” (Ban, 218, p.55). Dessa forma, a política editorial seria uma “determinação elaborada pela direção do veículo jornalístico e que orienta o seu modo de produção” (Ban, 2018, p.55).

Ao tratar de um potencial conceito de linha editorial ou política editorial, temos em mente uma preocupação menor acerca do que o dono do jornal (*publisher*) determina ou não que será publicado, e mais interesse em quais são os valores-notícia (Silva, 2014), a abrangência do telejornal (regional, local), a frequência e horários de fechamentos e, por fim, o público em potencial de determinada emanção informativa (pelas próprias medições de audiência, as empresas têm em mente qual é o perfil econômico do telejornal da hora do almoço e do telejornal da noite).

Assim, há uma preocupação maior com a orientação editorial que delimita o telejornal e menos uma preocupação com uma política editorial nos termos de Breed (2016). Porque, no texto de Breed (2016), há uma forte associação entre política editorial com parcialidade ou a própria extensão da objetividade. Não se trata necessariamente, portanto, de posicionamento político, mas da definição de linhas que vão dizer o que é noticiável ou não. Difícil tentar distinguir uma orientação política com certa parcialidade, uma vez que ela é constantemente reivindicada em Breed (2016). “Muita crítica da imprensa provém da inclinação induzida pela parcialidade da orientação política dada pelo *publisher*” (Breed, 2016, p.216).

Na compreensão de Breed (2016), a política editorial de um jornal não vai variar. A menos que exista um tensionamento sobre o *publisher*, especialmente (Breed, 2016). No momento em que realizamos entrevistas com os jornalistas envolvidos com a produção de telejornais na RPC-TV, foi possível apontar que houve quatro movimentos expressivos que provocaram alteração da linha editorial, são eles: tempo de duração do telejornal; a concorrência com outros programas no mesmo horário (na hora do almoço); condições tecnológicas; e a criação do cargo de editor-executivo, responsável pelo fechamento do telejornal e gerenciamento da equipe. Como observamos alterações também na apresentação do telejornal da hora do almoço, além de outra orientação geográfica, passando de uma abrangência estadual para um alcance local/regional, entendemos que o que chamamos de linha editorial, responsável por definir o que é notícia e qual sua hierarquia no telejornal, pode sofrer alterações.

Reconfigurações do telejornalismo regional na atualidade

Alterações no modo de produzir notícias estão presentes em todos os suportes jornalísticos na contemporaneidade. No caso do telejornalismo, é possível identificar

muitas mudanças, algumas fortemente influenciadas pelas questões tecnológicas. As alterações no modo de produzir e distribuir notícias estão atravessadas por um contexto de convergência que, de acordo com Salavérria, Aviles e Masip (2010), atinge o jornalismo em quatro dimensões: tecnológica, empresarial, profissional e de conteúdo ou editorial. Esse processo acaba propiciando a integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens que antes operavam de forma desagregada. “Os meios digitais possibilitaram que consumidores de mídias pudessem dispor de recursos tecnológicos para interferir nos produtos de comunicação de forma ativa e, tal fato, alterou determinados padrões de produção, veiculação e consumo” (Viana e Musse, 2018).

Os desafios da convergência jornalística são uma parte do problema quando se trata da produção de notícias em âmbito local, isso porque sempre parece um desafio interpretar o que é noticiável a partir do conceito de valor-notícia proximidade (Silva, 2014), na relação com a abrangência das emissoras que transmitem o telejornal. O local nunca é exatamente fixado em um município em específico e, via de regra, refere-se a regiões de abrangência geográfica (Coutinho, 2008).

O jornal da hora do almoço exibido pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC) vai ao ar de segunda a sábado, no horário das 11h45 até as 13h. Atualmente denominado Meio Dia/PR, o telejornal passou por alteração de nome em setembro de 2018, quando deixou de ser chamado de Paraná/TV. O tempo de exibição do telejornal variou nos últimos anos, passando de 40 minutos para uma hora de duração em abril de 2019 (11h45-12h45). A partir de setembro de 2019, ficou com uma hora e quinze minutos de duração. Essas informações, com as datas de alteração, vieram da própria emissora a partir de entrevistas realizadas com os jornalistas⁵ que atuam ou já atuaram na redação.

A edição da hora do almoço do telejornal é exibida a partir de produção própria de oito cidades, denominadas “praças regionais”. As praças que geram os próprios jornais são: Curitiba, Cascavel, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Londrina, Maringá, Noroeste (Campo Mourão e Cianorte) e Ponta Grossa. Neste estudo, considera-se o conteúdo exibido e produzido na cidade de Ponta Grossa, que transmite o telejornal para outras 35 cidades do estado, com média de audiência de 130 mil pessoas por dia, conforme informação de um jornalista entrevistado nesta pesquisa.

Ponta Grossa exhibe o jornal inteiramente produzido pela praça desde outubro de 2017. Nem sempre foi assim. Antes, o telejornal era exibido com uma mistura de conteúdos gerados em Curitiba, para todo o estado, e conteúdo das praças regionais, que ficavam com a responsabilidade de edição de apenas um bloco de 11 minutos do telejornal. O programa jornalístico também passou por mudanças na composição do cenário, sendo a última em março de 2019. Entre as mudanças de cenário está a retirada da bancada de apresentação, uso de telas interativas, e a presença do apresentador em pé, transitando por todo o estúdio.

⁵ Foram realizadas seis entrevistas, com jornalistas que trabalham ou trabalharam na emissora. Por questões éticas, para reforçar o anonimato das fontes, optou-se por não designar funções, uma vez que dizer o cargo de quem ofereceu a informação facilitaria a identificação dos entrevistados.

O apelo às pautas populares

Ao tentar indicar um primeiro aspecto da linha editorial e a área de abrangência do material produzido para o telejornal em questão, os jornalistas entrevistados nesta pesquisa destacaram a preocupação com um caráter “comunitário” do conteúdo noticioso. A referência que aparece nos relatos dos entrevistados não é uma novidade nos telejornais locais. A mesma justificativa pode ser observada na mudança do então nomeado Jornal Estadual para o Paraná/TV, troca que ocorreu em 1999. A mudança da época seguia uma tendência para todos os telejornais da hora do almoço da Rede Globo de televisão naquele período.

Conceitualmente, o que se denominou de jornalismo comunitário pela emissora sediada em São Paulo significava um jornalismo que falava de buraco de rua, problemas da comunidade, dos bairros ou da vida no âmbito local. Porém, segundo um dos entrevistados, no Paraná, tal mudança foi mais comedida, embora a cobertura que valorizava acontecimentos que envolviam a vida local passasse a ser acompanhada mais de perto. O modo de apropriação desse “comunitário” suaviza o confronto político local, ainda sob a perspectiva de um informante deste trabalho.

As reflexões indicam falhas de produção e mesmo de apuração do jornalismo local, especialmente no quesito comunitário, porque, embora existam pautas locais, falta uma identificação efetiva com o local. Por falhas de produção e de apuração estão compreendidas as relações entre a apresentação dos problemas localizados, sem muitas vezes tratar das causas do problema, de questões contextuais. A pauta comunitária poderia ir além do registro pelo telejornal sobre a reclamação da população. Mas, na maioria das vezes, o informativo torna-se espaço para o reclame aqui.

O telejornalismo local assim pode ser conceituado como o espaço para a prática e a experiência televisiva com o que é próximo, para a vivência da cidade e da região na tela de TV. Sua realização dependeria da produção simbólica e do trabalho de jornalistas identificados com aquele espaço físico e social, imersos, visíveis e reconhecidos por moradores e cidadãos com os quais se estabeleceriam vínculos afetivos e de pertencimento, o que se efetiva e constitui reconhecimento (Coutinho, 2019, p. 35).

Um maior investimento na proposta local ou comunitária passa a ser identificado na RPC-TV a partir de 2012, com a instalação de uma emissora concorrente na oferta jornalística na hora do almoço em Ponta Grossa. No decorrer do período em se constituiu como Paraná/TV (1999-2018) e mesmo após a mudança de nome para o Meio Dia/PR, a concorrência com outra emissora local, a TV Guará⁶, empurrou mais fortemente para uma proposta editorial que oferecesse um jornalismo local com características de jornalismo comunitário, a partir dos relatos de todas as entrevistas⁷.

6 A TV Guará é a retransmissora do sinal do SBT em nível nacional e começou a operar com conteúdo local na cidade de Ponta Grossa em agosto de 2012. Antes da sua instalação na cidade, a RPC TV não tinha concorrência na produção jornalística em sinal aberto na cidade. Além da RPC TV, apenas uma TV pública com sinal aberto também possuía conteúdo jornalístico, sem quaisquer condições de rivalizar com a RPC TV (Anjos, 2015, p.14).

7 No presente texto estamos deixando de lado um debate mais avançado do conceito de comunitário, no qual a participação efetiva da comunidade na produção jornalística é trabalhada (Peruzzo, 2009).

Coutinho (2019) relata que a demanda por notícias locais também tem interesses no mercado de publicidade.

Para além das demandas identitárias, também nas emissoras regionais e locais a orientação é aquela percebida como marca da colonização audiovisual brasileira, a orientação comercial: a programação de uma emissora de TV do interior nasce de uma necessidade de atender a um mercado regional (Coutinho (2019, p. 32).

De modo mais específico, no caso da RPC-TV de Ponta Grossa, a noção de comunitário considerado pelo telejornal passa a oferecer maior espaço para assuntos com origem em demandas populares, com destaque às ocorrências policiais. No modelo implementado, há ainda mais espaço para intervenções do apresentador, que pode complementar informações, mesmo que não estejam previamente planejadas no roteiro do telejornal. O movimento de interação, com os comentários feitos pelo apresentador de forma mais improvisada, é uma tentativa para que o telejornal fique mais espontâneo ou “conversado”, dentro de uma proposta de proximidade. Esse entendimento aparece em todos os relatos dos jornalistas que estão atuando na empresa consultados para o estudo.

Embora todos os entrevistados relatem a importância de um jornalismo local, com características comunitárias, também indicam que o telejornal da hora do almoço da RPC-TV tenta, ao mesmo tempo, apresentar uma cobertura estadual dos assuntos tratados localmente. Na prática, significa que a emissora utiliza conteúdos produzidos por outras praças regionais, tendo como justificativa a tentativa de oferecer uma síntese dos assuntos mais relevantes que acontecem no estado. Essa possível contradição, entre uma cobertura estadual e local, não parece ser um problema para os jornalistas que produzem o telejornal. Ao utilizar o material disponibilizado por outras praças, haveria uma preocupação em observar se é possível contextualizar a informação de outro local com algum elemento mais próximo.

Mudanças na apresentação das notícias - vt desconstruído

Dentro das modificações observadas no processo de elaboração do telejornal da hora do almoço está o que os jornalistas estão chamando de “VT desconstruído”. Significa que o VT não é mais apresentado como uma narrativa estruturada em que o apresentador lê um texto na abertura (chamada), e a reportagem completa é exibida editada (com off-passagem-sonora). Agora o apresentador chama o repórter ao vivo, o repórter apresenta o assunto, e na sequência aparece a entrevista (sonora) gravada, uma nota com imagens gravadas e, em alguns casos, o repórter aparece novamente no vídeo com novas informações e pode trazer um entrevistado. Também há casos em que o assunto apresentado ao vivo pelo repórter volta a ser tratado em vários momentos ao longo do telejornal. Todo esse movimento resulta em uma apresentação temática diluída ao longo do telejornal e não em uma reportagem completa (off-passagem-so-

nora). O formato aumenta a participação ao vivo do repórter com intervenções ao longo do telejornal. O tema é o mesmo, e passa a ser tratado diversas vezes. A ampliação do tempo de entradas ao vivo reafirma o que foi observado no primeiro movimento de pesquisa efetuado para entender as mudanças do telejornal (Xavier, 2019).

Nas observações realizadas para descrever o telejornal, foi possível perceber um número maior de entradas ao vivo, e vários VTs desconstruídos sendo apresentados durante uma única exibição de telejornal. Assim, os repórteres permanecem ao vivo durante o telejornal por períodos maiores, chegando em alguns momentos a entrarem de seis a oito vezes em único programa. O aumento no número de participações ao vivo dos repórteres é facilitado por questões tecnológicas: a redação da RPC-TV conta com quatro links portáteis (dois *mochilinks* e dois *hot-spots*⁸) e um micro-ondas. O equipamento portátil permite o deslocamento do repórter durante a exibição do telejornal para lugares diferentes da cidade, o que oferece maior factualidade, conforme aponta um jornalista entrevistado.

Constrangimentos organizacionais

Na dimensão organizacional, há algumas contradições sobre a distribuição de funções de quem trabalha no telejornal. O tamanho da equipe que produz o jornal do almoço com uma hora e 15 minutos de duração é praticamente o mesmo da equipe que produzia o bloco de 11 minutos (entre 1999 e 2017) e o jornal de 40 minutos (entre 2017 e 2019). A redação tem, atualmente, um produtor/pauteiro, duas equipes de reportagem (repórter/cinegrafista), entre dois e três editores e o editor-executivo.

De acordo com os relatos das entrevistas, na configuração atual do telejornal, a equipe de produção do jornal perdeu um produtor e ganhou um editor, que está em um cargo mais alto na hierarquia, o cargo de editor-executivo. O produtor foi substituído pelo editor que, na prática, atua como um “preenchedor de tempo” no telejornal. Desta forma, no organograma da redação, tem-se um profissional a menos no processo de apuração e o aumento de um profissional no sistema de edição, que cuida do “cardápio” que o telejornal vai apresentar, conforme aponta um entrevistado. Outro jornalista entrevistado afirma que, ao criar o cargo de editor-executivo, o produtor perdeu a responsabilidade de avaliar esse “cardápio” do telejornal, e quem passou a assumir essa responsabilidade foi o produtor-executivo.

Ainda que os entrevistados tenham relatado que o aumento no tempo do telejornal sem investimento em novas equipes de reportagem não aumentou a quantidade de pautas realizadas por turno, agora, o repórter faz mais entradas ao vivo ao longo do telejornal. Em parte, é por isso que o VT, reportagem completa, desapareceu no telejornal, afinal, não há tempo para edição do material gravado. Isso, em certa medida, parece ser uma contradição, já que o editor-executivo, fica mais preocupado em chefiar a equipe de reportagem do que editar o material produzido. Também cabe ao editor-executivo a busca pelo conteúdo produzido em outras praças para exibir no telejornal local.

8 Hots-spots são pontos de acesso à internet por meio de rede sem fio

Valorização do instantâneo e queda na qualidade informativa

Olhando para os três eixos que reconfiguram o modo de produzir e apresentar telejornal na cidade de Ponta Grossa a questão que surge é: quais valores editoriais estão por trás das mudanças identificadas nos telejornais estudados? A resposta não parece simples, uma vez que as alterações identificadas passam por um processo de transição, ainda não bem resolvidas. Muitas das alterações estão motivadas por fatores que vão desde a disputa por uma audiência cada vez mais fragmentada, seja pela concorrência com outra emissora em âmbito local ou na disputa pela atenção do público que agora também consome informação via internet, até os interesses organizacionais que buscam racionalizar a produção jornalística a partir de critérios essencialmente econômicos (produzir mais, com menos pessoas).

Neste contexto de crise, o telejornalismo regional passa a dar ênfase à instantaneidade da produção jornalística, algo que evite ou reduza o tempo entre apuração e apresentação das notícias. Vale reconhecer que esse apelo ao instantâneo não se trata de uma novidade e nem mesmo está restrita ao telejornalismo:

A lógica do “tempo real” afeta a prática do jornalismo como um todo, radicalizando a “corrida contra o tempo” que sempre marcou a profissão. Mais ainda: que as exigências do mercado financeiro, e de quem nele atua, passam a ser o relógio do noticiário em geral. A Chave para a defesa de nossa hipótese principal – a velocidade como fetiche – encontra-se nas palavras (...): trabalhar cada vez mais rápido para “alimentar o sistema” (Moretzohn, 2002, p. 130).

Silva e Vizeu (2018) indicam que esse tipo de produção tenta produzir uma sensação de aproximação do tempo (instantâneo) e do local (aconteceu aqui), além da sensação de pertencimento e testemunho do fato. Como efeito, essa ênfase no simultâneo afeta a rotina de produção do jornalismo, que sempre esteve marcada por uma estrutura organizada e com um *deadline* fixo (o horário de apresentação do telejornal).

Agora, essa rotina passa a ser orientada pelo improvisado, escondendo a ideia de um horário de fechamento. Porém, valorizar um *deadline* contínuo ou o desaparecimento deste implica reconhecer que há uma pressão para aproximar o tempo medido pelo relógio (temporalidade coletiva) e a temporalidade do jornalismo (modo de apropriação específica que se referem as lógicas internas do jornalismo) (Silva e Vizeu, 2018). Nestes termos, a temporalidade da produção no telejornalismo fica prejudicada quando se tenta aproximar de forma tão intensa fato e relato, ou dito de outra forma, quando se diminui o tempo estabelecido para que os jornalistas realizem atividades de apuração, edição e hierarquização das informações.

Considerações finais

O presente texto buscou demonstrar que houve alterações na linha editorial do jornal da hora do almoço produzido em âmbito local no interior do Paraná. Marcadamente as características que demonstram essa alteração estão expressas a partir de

alguns elementos. O primeiro, trata da chegada da concorrência, que pressionou para que o telejornal da RPC transmitido de Ponta Grossa tivesse uma preocupação com a pauta local, com assuntos que estimulam a proximidade.

O segundo elemento diz respeito ao tamanho da equipe, que é praticamente o mesmo e com aumento significativo do tempo de exibição do telejornal. Em Ponta Grossa, deixou de ser um bloco de 11 minutos e passou para 1h15 minutos. A única alteração com relação ao tamanho da equipe foi a criação do cargo de editor-executivo, o que demonstra a preocupação de tirar a responsabilidade na formulação do cardápio do telejornal do produtor e passar para o editor.

Outra característica evidenciada nos relatos dos entrevistados está na relação com a reportagem, o VT (off-passage-sonora), com as entradas ao vivo durante o telejornal. A reportagem perde espaço e entra o VT desconstruído, que é a exibição de um assunto a partir de um link ao vivo, com desdobramentos de entrevistas ao vivo e gravadas. Somada a essa referência aparece também o apresentador, que faz comentários e complementações, sem que estejam no script do jornal.

Ao final os elementos aqui apresentados buscaram identificar características e mudanças da linha editorial dos telejornais regionais da hora do almoço e registrar possíveis alterações nos valores-notícia dos telejornais observados.

Referências

ANJOS, M. M. P. dos. (2015) **Agendamento e interagendamento temático no processo de produção jornalística no telejornalismo regional**. Ponta Grossa: UEPG. (Dissertação de Mestrado).

BAN, Gustavo. **Os 25 anos do Jornal Laboratório Foca Livre: discontinuidades e permanências na linha editorial**. TCC em Jornalismo – UEPG. Monografia. 216 p, 2018.

BREED, Warren. Controle social na redação: uma análise funcional. IN: TRAQUINA, N. (ORG.) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 213-321, 2016.

COUTINHO, Iluska. Lugares, espaços, telas e reconhecimento: o local do telejornalismo na contemporaneidade. IN: **Telejornalismo Local: teorias, conceitos e reflexões**. Iluska Coutinho, Cárlica Emerim (orgs.) Coleção Jornalismo Audiovisual. V.8. Florianópolis: Insular, 2019.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. IN: VIZEU, Alfredo (org.) **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERNANDES, M. L. A proximidade como critério de noticiabilidade. in: Silva, G. Silva, M. P. da, Fernandes, M. L. (orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 129-156, 2014.

GUERRA, Josenildo. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. in:Silva, G. Silva, M. P. da, Fernandes, M. L. (orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.** Florianópolis: Insular, 39-50, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Tradução Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

PAIXÃO, Patrícia. Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática. IN: Revista ALTERJOR. **Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP).** Ano 8. Vol. 1. Ed. 17. Jan-jun, 2018.

PEREIRA, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PEREIRA, Renata Venise Vargas. **A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação dos telejornais: em busca da identidade e aproximação com o telespectador – uma análise do MGTV Primeira Edição.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, 2013.

PERUZZO, Cicilia. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisados e as reelaborações no setor. in: **ECO-Pós**, v.12, n.2, mai-ago., p.46-61, 2009.

MOREIRA, E. C., Leal, L. L., & Aguiar, S. Jornalismo local e regional no Nordeste brasileiro: estudo comparativo entre o Correio e o Diário do Nordeste. in: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Fortaleza: Intercom, 2017.**

SALAVERRÍA, Ramón. Aviles, José. Masip, Pere. Concepto de Convergencia Periodística in: LÓPEZ GARCÍA, Xosé; PEREIRA FARIÑA, Xosé (eds.): **Convergencia Digital.** Reconfiguración de los medios de comunicación en España, Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2010.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. in: Silva, G. Silva, M. P. da, Fernandes, M. L. (orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.** Florianópolis: Insular, 51-70, 2014.

SILVA, G.; MAIA, F. G. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. in: **Rumores**, jul-dez 2011.

SILVA, Marcos Paulo da. Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia. in: Silva, G. Silva, M. P. da, Fernandes, M. L. (orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.** Florianópolis: Insular, 70-84, 2014.

VIANNA, H.J.A., MUSSE, C.F. Jornalismo “Global”: a perda do monopólio da fala e busca de um lugar na história. in: Finger, C. Coutinho, I (org's). **Estudos Contemporâneos em telejornalismo: Narrativas de jornalismo para telas.** Finger, C. Coutinho, I (org's). Florianópolis: Insular, 2018.

XAVIER, C. Transformações editoriais do telejornalismo regional: o caso Rede Paranaense de Comunicação e os telejornais do almoço. **Anais** 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo promovido pela SBPJor. Goiânia: SBPJor, 2019.

Recebido em: 12 ago. 2024
Aprovado em: 17 nov. 2024